

INFORME SETORIAL MINERAÇÃO E METALURGIA

Nº 23 - ABRIL/1999

ÁREA DE OPERAÇÕES INDUSTRIAIS 2

Gerência Setorial 3

Aço no Brasil: Desempenho em 98 e Perspectivas para 99

Produção Siderúrgica

Em 1997, a siderurgia brasileira apresentou um bom desempenho, impulsionada pelo aumento nas exportações, especialmente para a Ásia, e pela aceleração do consumo interno com maior demanda de aço para bens duráveis. Esta tendência não se manteve em 1998, tendo a produção de aço apresentado redução de 1,5%, em relação a de 1997, atingindo 25,8 milhões de t. No período jan/fev último as produções de aço bruto e a de laminados decresceram 5,6%, e 9,1% respectivamente, enquanto a de semi-acabados cresceu 7,9%, comparadas com o mesmo período de 1998.

Produção por Produtos - 97/98/99

Produtos	1997	% 97/96	1998	% 98/97	Jan/fev 98	Jan/fev 99	Milhões de t % 99/98
Aço Bruto	26,2	+3,6	25,8	-1,5	4,1	3,9	-5,6
Laminados	17,4	+4,5	16,4	-6,1	2,6	2,3	-9,1
Planos	11,3	+2,2	10,4	-7,9	1,7	1,4	-12,6
Longos	6,2	+8,8	6,0	-2,9	0,9	0,9	-2,9
Semi-acabados	6,7	+4,0	6,9	+2,2	1,0	1,1	+7,9
Placas	4,5	+3,6	5,0	+10,5	0,7	0,8	+9,9
Blocos Tarugos	2,3	+4,7	2,0	-14,4	0,3	0,3	+2,3

Fonte: IBS

A maior queda de produção vem se dando nos aços planos, que têm maior consumo nas indústrias automobilística, de eletro-eletrônicos e linha branca, segmentos mais impactados pela desaceleração da economia. Os aços longos, com utilização maior na construção civil e consumidos principalmente no mercado doméstico, apresentaram redução, mas em menor intensidade. As placas semi-acabadas apresentaram crescimento, pois são produtos de baixo valor agregado e voltados mais para exportação.

Verifica-se que em jan/fev passado, mantendo a tendência de redução prevista para o ano atual, a produção siderúrgica nacional restringiu-se, à exceção dos segmentos de placas, em consequência do aumento da produção da CSN visando o mercado externo e de blocos e tarugos para laminação e forjaria.

Produção por Empresas – 1997/98/99

Empresas	1997	% 97/96	1998	% 98/97	Jan/fev 98	Jan/fev 99	Mil t % 99/98
CST – semi	3.713,8	+4,0	3.819,0	+2,9	585,1	672,1	+14,9
Açominas – semi	2.375,9	-1,1	2.330,5	-1,9	394,6	357,0	-9,5
CSN – planos	4.796,2	+9,9	4.708,2	-1,8	747,1	780,4	+4,5
Usiminas – planos	3.930,3	-2,7	4.023,2	+2,4	635,8	657,5	+3,4
Cosipa – planos	3.790,5	+5,2	3.517,4	-7,2	624,3	403,6	-35,4
Acesita – planos	632,0	+1,3	687,3	+8,7	104,4	70,8	-32,2
Gerdau – longos	3.043,0	+5,7	2.957,4	-2,8	437,6	423,0	-3,3
Belgo-Mineira – longos	1.042,3	-0,7	1.498,8	+43,8	345,1	339,2	-1,7
Aço Villares – longos	746,8	+10,4	624,8	-16,3	111,5	83,9	-24,8
Mendes Junior – longos	702,2	+7,7	657,8	-6,3	*	*	*
Mannesmann – longos	500,6	-4,3	433,7	-13,4	84,9	46,7	-45,0
Outras – longos	879,3	+23,7	492,0	-44,1	77,6	80,2	+3,4
Total	26.152,9	+3,6	25.750,1	-1,5	4.148,0	3.914,4	-5,6

Fonte: IBS

* A estatística da Belgo-Mineira inclui a produção da Mendes Junior; Outras = Barra Mansa, CBAço, Itaunense, Mafersa.

Consumo de Produtos Siderúrgicos

Após atingir 15,3 milhões de t em 1997, o consumo brasileiro reduziu-se para 14,5 milhões de t em 1998, apresentando queda de 5,3%. O consumo de produtos planos foi o mais afetado, com queda de 8,3%. As vendas internas de produtos siderúrgicos atingiram 13,6 milhões de t, apresentando decréscimo de 5,8% em relação ao ano anterior. A média mensal ocorrida no ano foi de 1.133 mil t, apresentando no mês de dezembro passado o menor volume, ou seja 755,2 mil t, com queda de 22,4% em relação a dezembro de 1997.

Consumo por Produtos – 1997/98

Produtos	1997	% 97/96	1998	% 98/97
Aços Planos	9.050	+17,3	8.294	-8,3

Aços Longos	6.276	+18,0	6.219	-0,9
Total	15.326	+17,6	14.513	-5,3
Aços Especiais	1.418	+8,8	1.386	-2,3
Aços Comuns	13.908	+18,6	13.127	-5,6

Fonte: IBS

Considerando que no período jan/fev passado a produção de laminados atingiu 2,3 milhões de t e levando em conta as expectativas de exportações de laminados de 600 mil t e as importações de laminados de 100 mil t, estima-se que o consumo interno situou-se próximo a 1,8 milhões de t, com média mensal de 900 mil t. Pode-se considerar para os primeiros seis meses de 1999 que o consumo situe-se ao redor de 6,0 milhões de t. Para o segundo semestre do ano poderá ocorrer recuperação gradual, estimando-se para 1999 consumo de aço da ordem de 13,0 milhões de t, inferior em 10% ao de 1998.

Exportações e Importações de Produtos de Aço

As exportações siderúrgicas apresentaram quedas seguidas em 1997 e 1998, com maior intensidade em 1997. Neste ano as vendas se direcionaram preferencialmente para o mercado interno em atendimento ao aumento no consumo de bens duráveis. Em 1998, a redução da demanda interna por produtos siderúrgicos não foi suficiente para alavancar as exportações, especialmente devido à queda no consumo dos países asiáticos, que eram grandes importadores de aço brasileiro. Por outro lado, as importações siderúrgicas aumentaram substancialmente em volume, dobrando entre 1996/98.

Produtos	Mil t						
	1997	% 97/96	1998	% 98/97	Jan/98	jan/99	% 99/98
Exportações	9.163	-10,7	8.756	-4,4	849,7	831,7	-2,1
Semi-Acabados	5.523	-2,8	5.426	-1,8	547,2	585,2	+7,0
Aços Planos	2.505	-26,3	2.422	-3,3	185,5	177,0	-4,6
Aços Longos Comuns	587	-11,8	457	-22,2	55,0	30,3	-45,0
Aços Longos Especiais	203	17,3	179	-11,8	21,6	12,4	-42,6
Transformados	344	0,4	272	-2,9	40,4	26,8	-33,7
Importações	794	+109,8	899	+13,2	84,3	58,3	-30,8
Aços Planos	309	+106,0	344	+11,4	31,1	25,8	-17,1
Aços Longos	192	+35,2	329	+71,7	23,0	16,5	-28,4
Semi-Acabados	62	+203,5	8	-87,8	0,1	0,2	-43,9
Transformados	231	+250,0	218	-5,9	30,1	15,9	-47,1

Em 1998, as exportações siderúrgicas efetivadas atingiram US\$ 2,5 bilhões, para um valor de importações de cerca de US\$ 850 milhões, gerando um saldo na balança comercial de US\$ 1,7 bilhões, contra US\$ 2,1 bilhões apurados em 1997.

As exportações de produtos laminados, pelas usinas siderúrgicas, registraram reduções significativas em dezembro de 1998. No período jan/fev último, as exportações já apresentaram crescimento nos seus volumes em relação a igual período de 1998, principalmente em relação aos semi-acabados.

Exportações de Laminados e Semi-Acabados Dez 1997 e Jan-Fev/99

Segmentos	Mil t					
	Dez			Jan - Fev		
	97	98	% 98/97	98	99	% 99/98
Planos	219,1	212,9	-2,8	420,7	430,7	+2,4
Longos Comuns	72,0	46,1	-36,0	77,7	87,8	+13,0
Longos Especiais	17,4	12,7	-27,0	30,9	18,0	-41,7
Semi-acabados	522,9	567,9	+8,6	875,5	1.040,3	+18,8
Total	831,4	839,6	+1,0	1.404,8	1.576,8	+12,2
Valor (US\$ Milhões-FOB)	272	194	-28,7	461	353	-23,4

Fonte: Ibs

Considerando a performance das exportações no primeiro bimestre de 1999, ao redor de 1,6 milhões de t, pode-se estimar para o ano um volume em torno de 9,8 milhões de t, superior em cerca de 12% ao de 1998. Já as importações vêm apresentando redução, podendo atingir 600 mil t em 1999, 33% inferior às realizadas em 1998.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 1999 o preço FOB exportação, praticado pelas usinas siderúrgicas, atingiu cerca de US\$ 254/t para chapas grossas e em torno de US\$ 145/t para placas. Os preços médios, obtidos no mix de produtos exportados, obtiveram as seguintes cotações nos meses considerados abaixo:

- Dez/97 - US\$ 327,2 / t
- Dez/98 - US\$ 231,1 / t
- Jan/98 - US\$ 323,5 / t

- Jan - Fev/99 - US\$ 223,9 / t

Observa-se que os preços dos produtos exportados pelo Brasil seguiram a tendência de queda drástica de preços praticados no mercado internacional de aço em 1998. Para o primeiro semestre de 1999 não se espera recuperação nos preços, mantendo-se a média observada no primeiro bimestre, ou seja US\$223,9/t. Para o segundo semestre poderão ocorrer aumentos nos preços, variando entre 10% e 12%, atingindo a média de US\$ 250,9/t. Sendo assim, as exportações no ano poderão atingir US\$ 2,3 bilhões, inferiores ao valor de US\$ 2,5 milhões apurado em 1998.

Faturamento, Impostos Pagos e Empregos

O faturamento da siderurgia não tem tido um desempenho melhor, visto que as cotações dos produtos vêm recuando ao longo dos dois últimos anos, com mais impacto nas exportações. Em 1997, a indústria ainda conseguiu praticar preços mais competitivos nas vendas internas do que em 1998.

Faturamento, Impostos Pagos e Empregos – 1997/98

Dados	US\$ Mil			
	1997	% 97/96	1998	% 98/97
Faturamento	11.781	+0,6	10.182	-13,6
Mercado Interno	8.722	+3,9	7.351	-14,0
Mercado Externo	2.873	-9,3	2.509	-15,7
Outras Receitas	186	+30,0	248	+33,2
Impostos Pagos	1.783	+4,3	1.652	-7,4
IP	448	+3,5	404	-3,2
ICMS	1.153	+5,1	1.035	-10,3
Outros	182	+1,1	214	+16,9
Efetivo na Atividade-mil empreg.	73,5	-5,1	62,9	-14,6

Fonte: IBS

Investimentos

Após a privatização da siderurgia brasileira teve início um processo de reestruturação, modernização tecnológica e aumento da capacidade para adequação ao ambiente competitivo. Para tanto, foram previstos investimentos da ordem de US\$ 10,4 bilhões, no período 1994/2000. Até fins de 1998 as inversões atingiram US\$ 7,2 bilhões, incluindo US\$ 2,2 bilhões referentes a 1998, restando US\$ 3,2 bilhões a serem investidos no corrente ano e no ano 2000. O BNDES vem apoiando financeiramente o setor, tendo desembolsado cerca de US\$ 2,0 bilhões ou 28% do total investido até fins de 1998, devendo ainda participar com mais cerca de US\$ 1,0 bilhão nos próximos dois anos. A capacidade instalada chegará, ao final do ano 2000, a 31 milhões de t, contra 28,2 milhões referentes a 1994.

Investimentos do Setor e Participação do BNDES 1994/2000

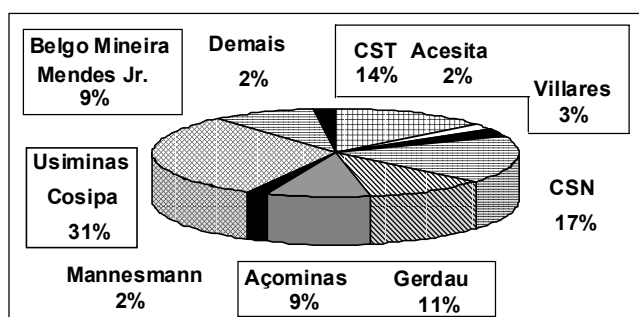
Discriminação	US\$ Milhões					
	94/95	1996	1997	1998	99/00	94/00
Insumos	101	88	144	154	215	702
Produção	1.101	1.002	1.656	1.758	2.484	8.001
Informática/Automação	53	30	49	52	73	257
Pesquisa e Desenv.	15	7	11	12	16	60
Meio Ambiente	155	112	114	112	120	613
Outros	125	62	154	176	252	768
Total	1.550	1.301	2.128	2.263	3.159	10.401
Acionistas	1.112	800	416	911	1.058	4.297
Empréstimos e Financ.	438	501	1.712	1.352	2.101	6.104
Total	1.550	1.301	2.128	2.263	3.159	10.401
BNDES	520	400	674	410	1.004	3.008
Participação BNDES	33 %	31 %	32 %	18 %	32 %	29 %

Fonte: IBS e BNDES

Reestruturação

O processo de reestruturação da siderurgia brasileira iniciou-se na década de 90 com a privatização e a abertura da economia, restringindo o mercado a cinco grupos principais dominando cerca de 96% da produção nacional.

Produção de Aço Bruto no Brasil - Principais Grupos



Deste modo, as empresas do setor siderúrgico brasileiro podem ser assim agrupadas:

- **CSN**
- **Usiminas/Cosipa:** Estão em processo de reestruturação patrimonial e societária com intenção de fundirem as empresas no médio prazo.
- **Acesita/CST/Villares:** Em 1998 a francesa Usinor entrou no grupo de controle de Acesita e CST e, indiretamente, de Aços Villares. A Usinor adquiriu, por R\$ 720 milhões, 38,94% do capital ordinário da Acesita e 49,9% do capital da *holding* Aços Planos do Sul S.A. (ex-Mansfield Participações S.A.), o que lhe garantiu, consequentemente, 43,91% do capital votante da CST. Esta operação configurou a formação do 3º grande grupo atuante no setor de aços planos no Brasil.
- **Gerdau/Açominas:** É o maior grupo atuando no setor de aços longos. Gerdau participa do grupo de controle da Açominas e está intencionando capitalizar recursos na empresa visando equacioná-la financeiramente. Em consequência Gerdau aumentaria sua participação na Açominas.
- **Belgo-Mineira/Mendes Jr.:** Belgo já fechou acordo com BNDES e Açominas que eram os principais credores da Siderúrgica Mendes Jr. e está negociando com os demais. Ela tem arrendamento com opção de compra para ser exercida após conclusão das negociações.

Prevê-se para 1999 a continuidade do processo de reestruturação do setor siderúrgico no Brasil, visando fortalecer e adequar as empresas brasileiras ao cenário altamente competitivo no mercado internacional.

A indústria brasileira de aço ainda não opera nos padrões mundiais de largas escalas de operação. Apesar do Brasil ser o 8º produtor mundial, a maior empresa brasileira, CSN, encontra-se em 36º no ranking dos maiores fabricantes mundiais e considerando Usiminas e Cosipa, em conjunto, ocupa a 23ª posição.

Considere-se, também, que a atual organização societária da siderurgia brasileira apresenta alguns entraves ao pleno desenvolvimento do setor.

PREVI e CVRD participam em quase todas as empresas, inclusive em concorrentes, prejudicando o processo de tomada de decisão e a própria competitividade das empresas. Em conjunto, detêm 37% do capital votante da Usiminas, não participando do grupo de controle. Estão inclusive solicitando direito de retirada por discordar da estruturação da operação de fusão de Usiminas e Cosipa.

Entretanto tanto a PREVI quanto a CVRD estão reavaliando suas participações na siderurgia brasileira. A PREVI contratou estudos dos Bancos Santander e Chase para definição de sua estratégia de atuação no setor e a CVRD pretende vender suas participações siderúrgicas, permanecendo apenas em CST.

A CSN participa do grupo de controle da Valepar que controla a CVRD e ao mesmo tempo CVRD tem 10% da CSN. Consequentemente, através da CVRD, a CSN participa em sua maior concorrente, a Usiminas.

Portanto, num primeiro estágio é necessário um novo arranjo nas composições societárias das empresas, para posteriormente dar continuidade a processos de fusão, aquisição e incorporação visando a atuação através de grupos fortalecidos.

Prevê-se, também, aumento da internacionalização da siderurgia brasileira, tanto com maior participação de capitais externos no setor quanto com aquisições, por empresas brasileiras, de participações em unidades no exterior, evitando protecionismo e facilitando as exportações.

Deste modo, a fase atual é de análise de sinergias e de eventuais permutas, aquisições e associações, com algumas negociações em andamento, as quais deverão propiciar uma nova organização na siderurgia brasileira.

Perspectivas da Siderurgia Brasileira para 99

Diante da conjuntura de crise financeira internacional e particularmente no Brasil, com os efeitos recessivos das medidas de ajuste da economia, não se vislumbra para 1999 um cenário promissor para a siderurgia brasileira. O desempenho do consumo interno de aço deverá ser inferior ao de 1998. Entretanto, as perspectivas serão positivas em relação às exportações. As dificuldades deverão ser maiores no primeiro semestre, com reversão no segundo semestre do ano.

Assim, comparando-se o desempenho efetivo de 1998 com as previsões para 1999, observa-se que produção de aço bruto, da ordem de 24,6 milhões de t, será inferior em 4,7%, as exportações de 9,8 milhões de t serão superiores em 11,4%, as importações de 600 mil t, sofrerão quedas de 33%, as vendas internas de 12,4 milhões de t apresentarão redução de 8,8%. O consumo aparente interno projetado é de 13,0 milhões de t, 10% menor. O consumo per capita deve decrescer para 81,5 kg/hab, contra 90,6 kg/hab apurado em 1998.

O faturamento global da siderurgia, previsto pelo IBS antes da desvalorização cambial, deveria alcançar US\$ 10,7 bilhões, com crescimento de 4,9% sobre o de 1998. Porém, considerando a nova realidade cambial, pode-se supor que o faturamento global da siderurgia atinja cerca de US\$ 7,7 bilhões, com queda de 24% sobre o de 1998.

O valor das exportações atingiria US\$ 2,3 bilhões, inferior em 8% ao apurado em 1998, com decréscimo de US\$ 200 milhões. O valor das vendas internas atingiria US\$ 5,1 bilhões, com queda de 21%, representando menos US\$ 1,3 bilhão. Outras receitas, de aproximadamente US\$ 300 mil, complementaríamos o faturamento global. As importações ficariam no patamar de 600 mil t, decrescendo 33%, com valor aproximado de US\$ 600 mil.

O saldo da balança comercial da siderurgia se restringiria a US\$ 1,7 bilhão, semelhante ao obtido em 1998. Com a desvalorização da moeda e admitindo-se uma taxa média para o ano de R\$ 1,70/dólar, o faturamento das exportações previsto para US\$ 2,3 bilhões, em reais atingiria R\$ 3,9 bilhões. Este valor configuraria um aumento de R\$ 1,4 bilhão, em relação aos R\$ 2,5 bilhões apurados em 1998, utilizando a relação de R\$ 1,20/dólar, de janeiro último.

Perspectivas para a Siderurgia Brasileira

Discriminação	Milhões t			
	1996	1997	1998	1999 *
Capacidade de Produção	29,5	30,0	30,0	31,0
Produção de Aço Bruto	25,3	26,2	25,8	24,3
Produtos de Aço	22,7	24,2	23,1	22,2
Consumo Aparente	13,2	15,7	14,5	13,0
Vendas Internas	12,8	14,7	13,6	12,4
Importação	0,4	0,7	0,9	0,6
Exportação	10,2	9,2	8,8	9,8

Fonte: IBS e BNDES
* Estimativa BNDES

O setor siderúrgico brasileiro deverá lidar em 1999 com algumas dificuldades, face à conjuntura desfavorável da economia.

As empresas brasileiras estarão sendo impactadas pela desvalorização cambial, que se por um lado beneficia a performance das exportações, por outro causa efeitos negativos nos custos e no endividamento.

O impacto nos custos é maior nas siderúrgicas integradas que utilizam carvão importado, insumo que corresponde em média a cerca de 20% do custo operacional. Além disso o minério de ferro, apesar de ser nacional e ter preço fixado para 1999 cerca de 13% inferior ao praticado em 1998, é cotado em dólar. O peso destes itens é maior nos produtos menos elaborados.

Nas usinas não integradas, os principais itens de custo atrelados ao dólar são os eletrodos e as ferro-ligas, com peso no custo final bem mais reduzido. Portanto, os impactos líquidos da desvalorização cambial afetam diferentemente as empresas brasileiras, dependendo do seu perfil, beneficiando as exportadoras e com menor endividamento em dólar e prejudicando as integradas, por utilizar carvão e minério, principalmente as com produção de baixo valor agregado.

As empresas também deverão ter suas vendas dificultadas mais no mercado interno, influenciadas pela retração do consumo e menos nas vendas para o mercado externo, embora ocorram acirrada competição e proliferação de barreiras protecionistas.

Considere-se também que os preços dos produtos siderúrgicos encontram-se baixos enquanto os custos em real podem se elevar em função do índice de inflação.

As empresas também são impactadas pela redução de linhas de crédito, tanto para adiantamento de câmbio para exportações quanto para importação de insumos, com encarecimento e encurtamento de prazo de linhas externas.

Nesta conjuntura é imprescindível maior critério na implementação dos programas de investimento e ênfase à continuidade do processo de reestruturação da siderurgia brasileira, visando a eficiência e competitividade no cenário internacional.

Ficha Técnica:

Maria Lúcia Amarante de Andrade-Gerente

Luiz Maurício da Silva Cunha-Economista

Guilherme Tavares Gandra-Engenheiro

Eliane F. Costa de Oliveira-Estagiária

Apoio Bibliográfica: Marlene C. Matta

Editoração: AO2/GESIS

Telefone: (021) 277-7184/277-6891

Fax: (021) 240-3504